A Era do IMPERIALISMO

A Era do Imperialismo.indd 1 26/09/2024 23:51:39

A Era do Imperialismo.indd 2 26/09/2024 23:51:39

A Era do IMPERIALISMO

Ana Paula Salviatti - Angelo Segrillo - Burak Saygan - Carla Filosa - Daniel Gaido - Edgardo Loguercio - Emiliano Giorgis - Fábio Antonio de Campos - Flo Menezes - Francesco Schettino - Gianfranco Pala - José Menezes Gomes - Lincoln Secco - Luiz Bernardo Pericás - Manuel Quiroga - Mauricio Sabadini - Rosa Rosa Gomes - Savas Michael-Matsas - Sebastián Sarapura ● **OSVALDO COGGIOLA (ORG.)**

LF EDITORIAL 35 ANOS

A Era do Imperialismo.indd 3 26/09/2024 23:51:41

Copyright © 2024 Autores

Editores: José Roberto Marinho e Victor Pereira Marinho
Projeto gráfico e Diagramação: Horizon Soluções Editoriais
Capa: Horizon Soluções Editoriais
Imagem de capa: Cecil Rhodes e o projeto ferroviário do Cabo-Cairo.

Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do Acordo da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Era do imperialismo. / Osvaldo Coggiola, (org.). - São Paulo: LF Editorial, 2024.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN: 978-65-5563-495-2

1. Capitalismo 2. Ciências políticas
3. Imperialismos - História I. Coggiola, Osvaldo.

24-228286 CDD: 320

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências políticas 320

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

ISBN: 978-65-5563-495-2

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão do organizador. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*

LF Editorial
Fone: (11) 2648-6666 / Loja (IFUSP)
Fone: (11) 3936-3413 / Editora
www.livrariadafisica.com.br | www.lfeditorial.com.br

CONSELHO EDITORIAL

Amílcar Pinto Martins
Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell
Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva
Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes
UNED, Madri

Iran Abreu Mendes
Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford
Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

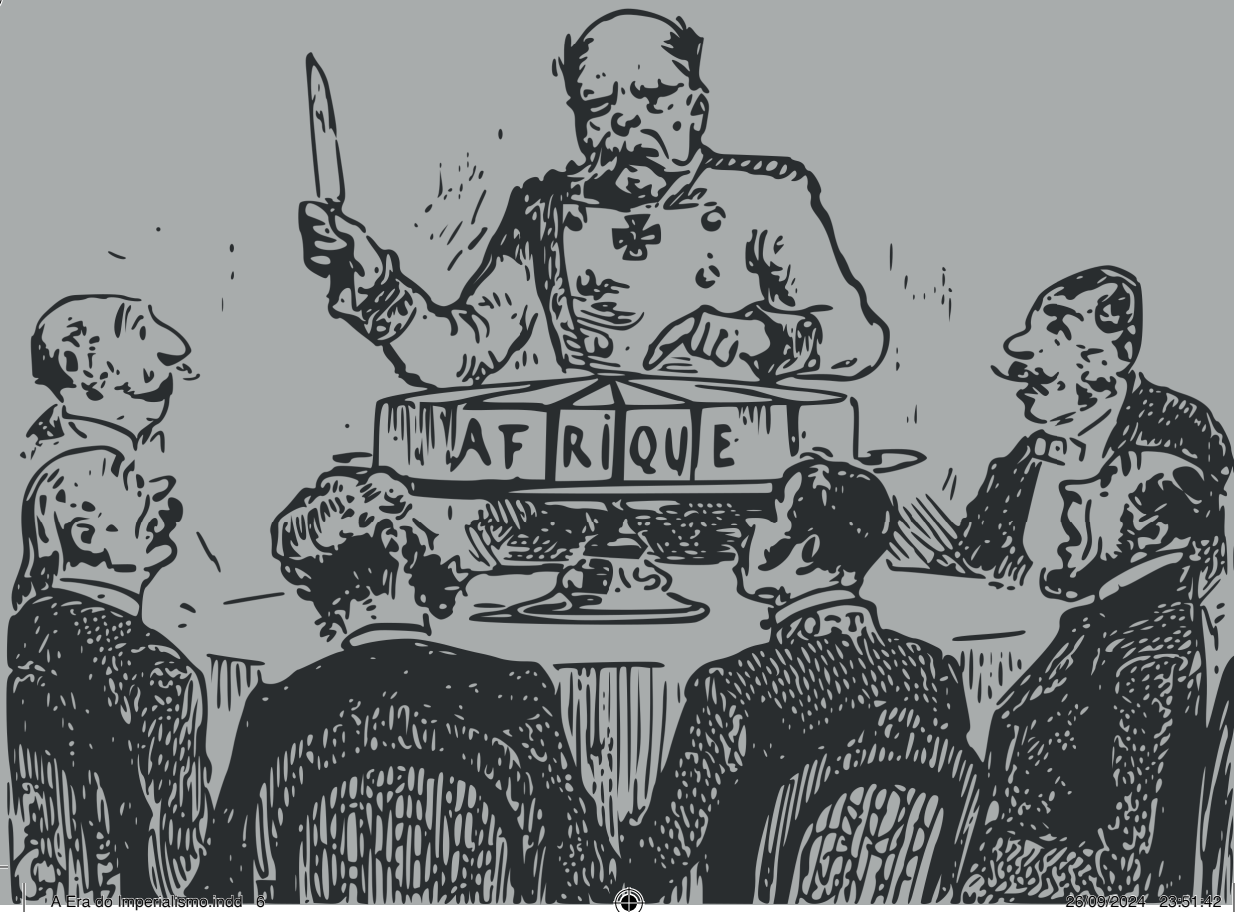
Maria do Socorro de Sousa
Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras
Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia
Universidade de Lisboa

Teresa Vergani
Universidade Aberta de Portugal



A Era do Imperialismo.indd 6 26/09/2024 23:51:42

Sumário

1. A FORMAÇÃO DO IMPERIALISMO CAPITALISTA | *Osvaldo Coggiola e Lincoln Secco* ■ **9**

2. O CAPITAL FINANCEIRO NA ORIGEM DO IMPERIALISMO | *Mauricio Sabadini e Fábio Antonio de Campos* ■ **35**

3. MONOPÓLIOS, NACIONALISMO E IMPERIALISMO | *Osvaldo Coggiola* ■ **55**

4. AS TEORIAS SOBRE O IMPERIALISMO | *Daniel Gaido e Manuel Quiroga* ■ **79**

5. IMPÉRIO BRITÂNICO, O MAIOR DA HISTÓRIA | *Osvaldo Coggiola* ■ **131**

6. SOCIALDEMOCRACIA BRITÂNICA E IMPERIALISMO | *Manuel Quiroga e Emiliano Giorgis* ■ **167**

7. IMPERIALISMO E MUNDO ÁRABE-MUÇULMANO | *Osvaldo Coggiola* ■ **205**

8. O IMPERIALISMO NA ÁSIA | *Angelo Segrillo* ■ **227**

9. ÁFRICA: PARTILHA, SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA | *Osvaldo Coggiola* ■ **243**

10. A ASCENSÃO DO IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO | *Edgardo Loguercio* ■ **273**

11. AMÉRICA LATINA ENTRE TRÊS IMPÉRIOS | *Osvaldo Coggiola* ■ **297**

12. O SOCIALISMO AMERICANO E AS ORIGENS DO IMPERIALISMO | *Emiliano Giorgis* ■ **353**

13. IMPERIALISMO, SOCIALISMO E GRANDE GUERRA | *Osvaldo Coggiola* ■ **379**

14. IMPERIALISMO, IDEOLOGIA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA | *Flo Menezes* ■ **413**

15. IMPERIALISMO E MILITARISMO EM ROSA LUXEMBURGO E HENRYK GROSSMAN | *Rosa Rosa Gomes e Lincoln Secco* ■ **425**

16. O "SÉCULO AMERICANO" | *Osvaldo Coggiola* ■ **437**

17. JULIO ANTONIO MELLA: IMPERIALISMO, SOCIALISMO, REVOLUÇÃO | *Luiz B. Pericás* ■ **473**

18. O IMPERIALISMO NA TEORIA DA DEPENDÊNCIA | *Sebastián Sarapura* ■ **505**

19. TERCEIRO IMPÉRIO DO SOL: O IMPERIALISMO JAPONÊS | *Gianfranco Pala e Carla Filosa* ■ **529**

20. A ERA DA CRISE | *Osvaldo Coggiola* ■ **547**

21. IMPERIALISMO E CONFLITO DE ÁREAS CAMBIAIS | *Carla Filosa e Francesco Schettino* ■ **579**

22. IMPERIALISMO, CAPITAL FINANCEIRO E DESTRUIÇÃO AMBIENTAL | *Ana Paula Salviatti* ■ **591**

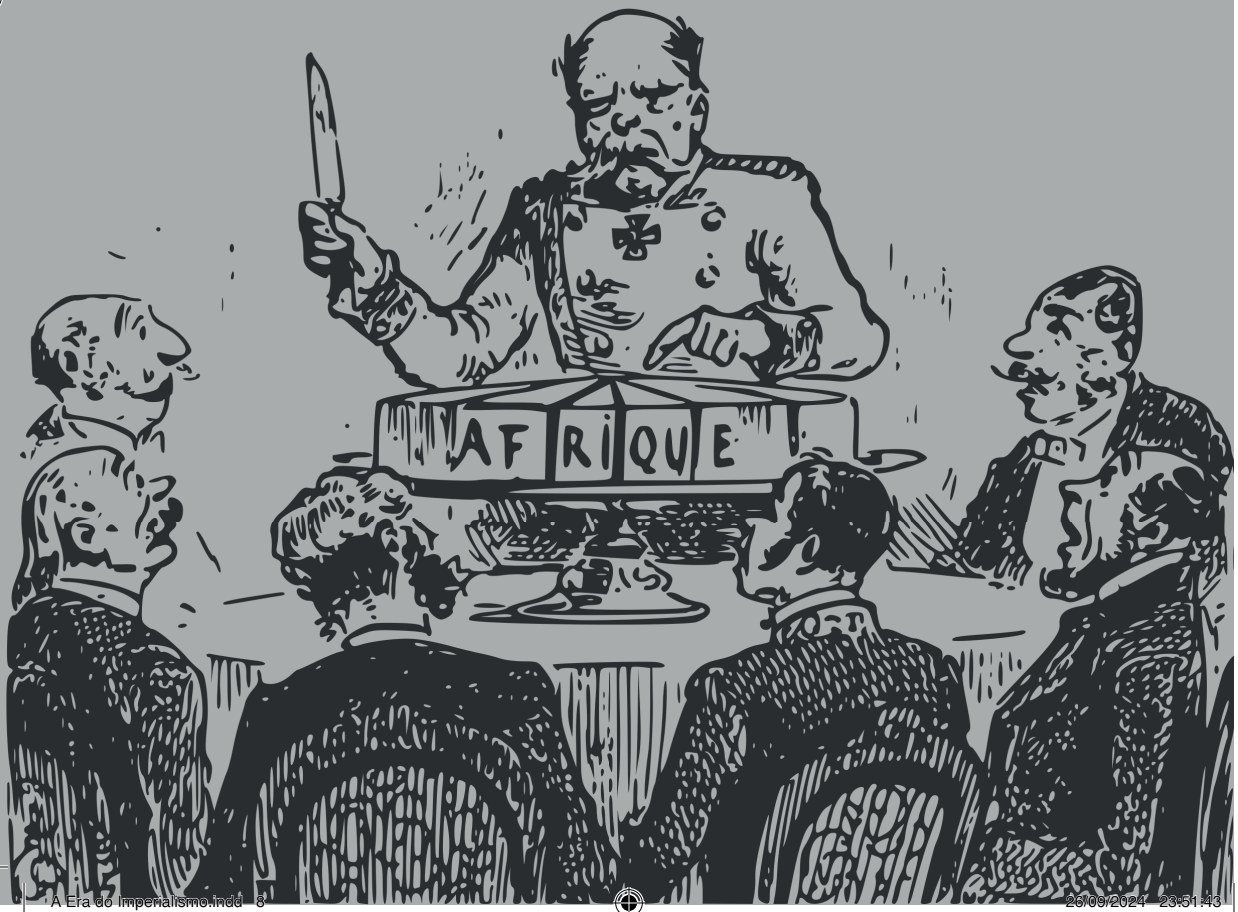
23. IMPERIALISMO E SISTEMA DA DÍVIDA | *José Menezes Gomes* ■ **603**

24. CAPITAL FINANCEIRO E DÍVIDA PÚBLICA | *Francesco Schettino* ■ **623**

25. UNIÃO EUROPEIA: UM PROJETO IMPERIALISTA SUI GENERIS | *Burak Saygan* ■ **633**

26. TRÊS VERSÕES DO OCIDENTE | *Daniel Gaido* ■ **649**

27. IMPERIALISMO, GUERRA E REVOLUÇÃO PERMANENTE | *Savas Michael-Matsas* ■ **671**



A Era do Imperialismo.indd 8 26/09/2024 23:51:43

Capítulo 1

A formação do imperialismo capitalista

***Osvaldo Coggiola*[1] *e Lincoln Secco*[2]**

A depressão econômica iniciada por volta de 1873 teve consequências para o mundo todo, com o surgimento dos monopólios e oligopólios industriais e financeiros, e de um novo imperialismo, diverso do Antigo Sistema Colonial.[3] O colapso da Bolsa de Valores de Viena, em maio de 1873, contagiou outros grandes países europeus e até os EUA; uma onda de protecionismo tomou conta do mundo. A Alemanha de Bismarck abandonou a política livre-cambista em 1879; a Franca, que tinha aberto seu mercado durante o Segundo Império (1852-1870) voltou a fechá-lo; nos EUA a força dos grupos protecionistas começou a crescer até ganhar a presidência com Benjamin Harrison em 1888. A produção industrial inglesa não voltou ao ritmo de crescimento precedente, depois de cinquenta anos de auge quase ininterrupto. O produto nacional inglês foi se recuperando pelo crescimento do setor de serviços, com crescentes dificuldades para a indústria manufatureira. Os preços e os benefícios diminuíram durante vinte anos consecutivos. A concorrência da Alemanha e dos Estados Unidos

1 Professor Titular de História Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP).

2 Professor Associado de História Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP).

3 Cf. Osvaldo Coggiola. La crisis de 1873 y la "Gran Depresión". *En Defensa del Marxismo* nº 38, Buenos Aires, abril de 2010.

tinha reduzido a posição da Inglaterra como oficina do mundo; os produtos das potências concorrentes, mais baratos, estavam penetrando até no mercado inglês. Com o excesso de capitais nas metrópoles, a exportação dos capitais excedentes se colocou como um imperativo que passou a dominar os fluxos econômicos mundiais.

Assim impulsionado, o período entre 1871 e 1914 caracterizou-se pelo apogeu da hegemonia global europeia. O novo imperialismo, baseado em investimentos externos, forçou a entrada no circuito econômico mundial daquelas partes do mundo que ainda se encontravam parcial ou totalmente fora dele. Completou-se a construção de uma rede global de relações econômicas, estratégicas e políticas que foram inicialmente dominadas pelos principais Estados da Europa. Isso ocorreu de forma violenta, principalmente na partilha da África, na ocupação territorial de grande parte da Ásia e na "abertura" da China. Após essa nova onda de expansão colonial, não havia mais no mundo qualquer "vácuo de poder". Com a exceção da Áustria-Hungria, todas as potências europeias, os Estados Unidos e o Japão, entraram no círculo das potências coloniais. Entre 1870 e 1914, elas se expandiram "pacificamente" e com relativa facilidade. O novo imperialismo de investimentos era continuidade ampliada e diferenciada do colonialismo precedente. Na onda colonizadora à época da revolução comercial mercantilista, os colonizadores europeus concentraram-se sobre o continente americano. Já o imperialismo do século XIX concentrou-se na Ásia e na África, não mais buscava enriquecer principalmente o Estado e seus exércitos; beneficiava diretamente a alta burguesia metropolitana a partir do monopólio dos novos mercados, para os quais era destinado o excedente de capital. Fontes de matérias primas eram também priorizadas na exploração colonial: ferro, cobre, petróleo e manganês, produtos requisitados pela nova indústria metropolitana.

Nunca a brecha militar, tecnológica e econômica entre os Estados industrializados e o resto do mundo foi maior. Os limites do poder europeu, porém, já eram perceptíveis: o sistema europeu de Estados manteve, após 1871 (guerra franco-prussiana), sua estratificação entre, de um lado, as cinco grandes potências (Alemanha, França, Grã-Bretanha, Rússia e Áustria-Hungria) e, de outro, as potências de segunda e terceira categoria. Embora as grandes potências fossem as mesmas da primeira metade do século XIX,

a balança de poder entre elas alterou-se. A Prússia, inicialmente a mais fraca das potências, catapultou-se com o Império Alemão para uma posição hegemônica. A França, ao contrário, perdeu em 1870-1871 sua hegemonia europeia, depois de sua derrota na guerra franco-prussiana. A monarquia austro-húngara correu também o perigo de deixar o círculo das grandes potências, devido a problemas internos, originados na heterogeneidade nacional-étnica do Estado e no atraso econômico. A Rússia combinava sua força de país mais populoso da Europa com sua fraqueza industrial. O teste decisivo para o status de grande potência continuava sendo a capacidade de fazer a guerra. Tal capacidade, porém, não mais correspondia à força populacional de um Estado, ao número de soldados de infantaria, pois dependia crescentemente da sua força industrial.

O termo "imperialismo" não tinha, inicialmente, qualquer sentido pejorativo. Políticos europeus de todas as cores políticas e ideológicas se proclamavam aberta e orgulhosamente "imperialistas". A nova expansão europeia n**ão era** uma colonização semelhante à do Antigo Sistema Colonial. Seu ritmo de expansão (560 mil km^2 por ano) não tinha precedentes. Como observaram tanto o imperialista Cecil Rhodes como o liberal John A. Hobson, a expansão do mercado mundial, na segunda metade do século XIX, deu vazão ao capital supérfluo inglês, em investimentos e circulação em diversos ramos de inversão. A base disso era a maturidade atingida pelo capitalismo metropolitano: o capitalismo já se afirmara como modo de produção, destruindo formas pré-capitalistas sobreviventes em diversos países europeus. Penetrou países com escasso desenvolvimento industrial, mas que conservaram sua soberania nacional (Rússia, ou a maior parte da América Latina), mas também territórios - na Ásia e na África, principalmente - que se transformaram em colônias. Finalmente, penetrou territórios vazios, ou esvaziados (através de genocídios) nas Américas e na Oceania. O "neocolonialismo" não era, como o colonialismo mercantilista, uma alavanca da acumulação originária de capital, mas o instrumento anticíclico de um capitalismo maduro.

"A teoria do imperialismo trata da forma fenomênica especial que adota o processo em uma etapa particular do desenvolvimento do modo de produção capitalista":[4] a mudança histórica propiciada por essa "etapa

4 Tom Kemp. *Teorie dell'Imperialismo.* De Marx a oggi. Turim, Einaudi, 1969.

particular" se contrapunha à perspectiva inicialmente traçada por Marx ("O país mais desenvolvido industrialmente - escrevera Marx no prefácio da primeira edição de *O Capital* - não faz mais do que representar a imagem futura do menos desenvolvido"): "Somente uma minoria de países realizou completamente a evolução sistemática e lógica desde a mão de obra, através da manufatura doméstica até a fábrica, que Marx submeteu à uma análise detalhada. O capital comercial, industrial e financeiro invadiu, desde o exterior, os países atrasados, destruindo em parte as formas primitivas da economia nativa e, em parte, sujeitando-os ao sistema industrial e banqueiro do Oeste. Sob a imensa pressão do imperialismo, as colônias e semicolônias se viram obrigadas a abrir mão das etapas intermediárias, apoiando-se ao mesmo tempo artificialmente em um nível ou em outro. O desenvolvimento da Índia não duplicou o desenvolvimento da Inglaterra; *não foi para ela mais que um complemento*".[5]

Os processos diferenciados de industrialização e desenvolvimento haviam influenciado a divisão de poder no sistema mundial. As dinâmicas da industrialização dos diversos Estados se refletiam na sua posição de poder. A industrialização da Europa (e, depois, dos Estados Unidos) embasava seu domínio mundial. As relações internacionais entre 1871 e 1918 foram divididas em dois períodos: de 1871 a 1890, quando a diplomacia da Europa e as relações internacionais foram dominadas pelas alianças do "sistema de Bismarck". O segundo período foi da renúncia de Bismarck (em 1890) até 1918; iniciou-se com ofensivas alemãs na política externa e caracterizou-se por tensões crescentes, pela polarização em blocos de poder permanentes e pela Primeira Guerra Mundial. O antigo "concerto europeu" pressupunha a existência de um equilíbrio de poder entre as potências, que agora se defrontava com a busca de hegemonia alemã. Esse equilíbrio tornou-se instável e tenso, ameaçado pela Alemanha e seus aliados. Uma nova ordem mundial não poderia consistir só de acordos entre os Estados nacionais, mas não existia uma ordem internacional normatizada. As soluções das crises diplomáticas localizadas não evitaram o aprofundamento das linhas fundamentais de conflito.

5 Leon Trotsky. *Naturaleza y Dinámica del Capitalismo y la Economía de Transición.* Buenos Aires, Ceip, 1999.

O "concerto" ainda funcionou na partilha da África em 1885, na intervenção conjunta na China contra as revoltas internas, que incluiu os EUA, e, finalmente, em 1912, na conferência internacional de Londres que brecou a escalada das tensões entre a Áustria-Hungria e a Rússia no contexto das guerras balcânicas. No início do século XX, a guerra anglo-bôer na África do Sul e a guerra russo-japonesa (que originou a revolução russa de 1905), foram o sinal de que a era do desenvolvimento "pacífico" (sem grandes confrontos entre as potências) do capitalismo metropolitano e do colonialismo europeu estava chegando ao seu fim. Os debates historiográficos a respeito se concentraram em: a) O caráter do sistema internacional e das relações internacionais; a existência de um equilíbrio de poder ou de uma hegemonia da Alemanha após 1871; b) O problema da nova expansão imperial europeia, depois de 1870; c) A explicação das causas da Primeira Guerra Mundial. Eram problemas novos. A primeira metade do século XIX fora caracterizada pelo capitalismo liberal e a liberdade de comércio internacional. A Inglaterra defendia a liberdade de vender seus produtos em qualquer país, sem barreiras alfandegárias, bem como o (seu) livre acesso às fontes de matérias primas. Em diversos países, a partir de meados do século XIX, o desenvolvimento científico e tecnológico levou ao surgimento de novos métodos de obtenção de aço, além de novas fontes de energia, como o gás e a eletricidade - que substituíram gradativamente o vapor - e do aperfeiçoamento dos meios de transporte. Desenvolveram-se as indústrias siderúrgicas, a metalurgia, a indústria petrolífera, o setor ferroviário e de comunicação.

O aumento da mecanização e da divisão do trabalho nas fábricas permitiu a produção em massa, que reduzia os custos por unidade e incentivava o consumo. Pela concentração de capital, o capital experimentou um notável aumento de sua capacidade de produção, resultante das novas tecnologias desenvolvidas a partir de novas fontes de energia, como o petróleo e a eletricidade. Os países industrializados alargavam o mercado interno e conquistavam novos mercados externos. A riqueza acumulava-se nas mãos da burguesia industrial, comercial e financeira desses países. Os trabalhadores continuavam submetidos a baixos salários. Os avanços técnico-científicos exigiam aplicação de capitais em larga escala, produzindo modificações na organização e na administração das empresas. As pequenas e médias

firmas de tipo individual e familiar cederam lugar aos grandes complexos industriais. Multiplicaram-se as empresas de capital aberto, as "sociedades anônimas" de capital dividido entre milhares de acionistas, o que facilitava associações e fusões entre empresas. Nos bancos, o processo era semelhante: um pequeno número deles foi substituindo um grande número de pequenas casas bancárias.

Houve também uma aproximação estreita das indústrias com os bancos, pela necessidade de créditos para investimentos e pela transformação das empresas em sociedades anônimas, cujas ações eram negociadas pelos bancos. O capital industrial, associado ao capital bancário, transformou-se em *capital financeiro*, controlado por poucas grandes organizações, que aos poucos passou a controlar a vida econômica da maioria dos países. A nova era testemunhou a unificação econômica e logística do mundo através de um sistema interconectado de transportes. Ela foi acompanhada por um movimento de colonização, que se viu acentuado no último quartel do século: sua motivação ideológica, levar a "civilização" aos povos "atrasados" tinha, como pano de fundo, ambições econômicas. Entre 1840 e 1914, 35 milhões de europeus deixaram o Velho Continente e se espalharam pelo mundo todo, na maior onda migratória já conhecida. Por volta de 1875, os continentes não europeus eram bem mais conhecidos do que três décadas antes, devido à interligação proporcionada pelas novas vias de comunicação, permitindo maior velocidade e regularidade ao deslocamento de pessoas e mercadorias. As estradas de ferro, a navegação a vapor e o telégrafo possibilitaram-no. O comboio ferroviário tornou-se o complemento da marinha mercante. Estabeleceu a ligação entre as áreas produtoras de produtos primários (café do Brasil, carne do Uruguai e da Argentina, lã da Austrália, etc.) com os portos marítimos da Europa e do mundo industrializado; as poderosas marinhas europeias embarcavam esses produtos para as metrópoles, em troca de manufaturas industriais.

O aumento da extensão das ferrovias e o desenvolvimento da navegação constituíram os instrumentos do cada vez maior comércio marítimo internacional. O telégrafo revolucionou as comunicações, permitindo um fluxo de informações contínuo e eficiente entre as metrópoles e as colônias, auxiliando na vigia e na administração dos postos comerciais. Essa apertada rede de comunicações introduziu relações diretas entre o mundo

europeu e zonas remotas, criando um novo mundo econômico, constituído por um complexo de interligações que teve como consequência a rivalidade crescente entre os Estados europeus. As movimentações de cada nação afetavam, direta ou indiretamente, outros países, nasciam conflitos de interesses entre as grandes potências. A concorrência econômica acentuada foi o antecedente do novo imperialismo. As vantagens do imperialismo capitalista derivavam das próprias contradições do capitalismo metropolitano. Fazendo uso da rede de transportes e de comunicações, os países europeus transformaram zonas atrasadas e marginalizadas em extensões suas. A divisão do globo tinha sua motivação, em primeiro lugar, na procura de novos mercados. Com a depressão econômica gerou-se a crença de que a superprodução de mercadorias poderia ser resolvida com um aumento das exportações. A necessidade de mercados era comum aos vários Estados, verificou-se, assim, uma "corrida" aos territórios ultramarinos. Com a obtenção de possessões coloniais, as potências metropolitanas garantiam seu monopólio comercial, impedindo a intromissão estrangeira no marco de uma economia internacional baseada na concorrência de várias potências (Inglaterra, Alemanha, França, EUA, Japão, Rússia, na primeira linha).

No último quartel do século XIX, tornou-se comum a ideia de que cada país europeu devia transformar-se em uma potência mundial, vinculada com o prestígio da nação, o equilíbrio político europeu, e a influência que a nação podia e devia exercer no mundo. Desde inícios da década de 1870, quando Itália e Alemanha concluíram sua unificação nacional, a concorrência internacional e as relações entre os países se tornaram mais complexas. Surgiram grandes blocos de poder. A supremacia europeia, em termos militares, sobre os países não industrializados, não significou que o planeta se tivesse tornado mero objeto dos desenhos colonialistas europeus, sem nenhuma capacidade de defesa ou iniciativa própria daqueles. A África e a Ásia resistiram, às vezes veementemente, à conquista europeia. Embora as resistências raramente conseguissem a expulsão dos europeus, elas tiveram repercussões importantes no exercício da dominação colonial que, muitas vezes, aceitou compromissos com setores dirigentes dos países colonizados. As resistências, por sua vez, fundaram uma tradição de oposição contra o colonialismo que se desdobrou nas lutas pela descolonização do século XX.

Nas metrópoles, o crescimento do consumo originou a explosão do mercado de produtos alimentares ultramarinos. Para satisfazer a procura, os Estados especializaram regiões remotas (controladas por colonos brancos) para a produção de produtos alimentares a baixo custo. O setor dos tradicionais produtos tropicais (café, chá, açúcar, cacau, frutos tropicais), de que o Ocidente se tornara dependente, teve forte impulsão. Criaram-se também áreas especializadas na produção de matérias-primas destinadas à máquina industrial europeia (por exemplo, a Nova Zelândia - produtora quase exclusiva de lã). Em consequência desses fatores (especialização e novos mercados), a civilização industrial tornou-se dependente de produtos exóticos. O novo desenvolvimento tecnológico baseava-se também, em grande parte, em matérias primas provenientes de regiões remotas. Face à grande procura, os empresários europeus, em paralelo às plantações agrícolas, abriram uma rede imensa de minas nas colônias, em busca desses insumos. As explorações agrícolas e minerais coloniais eram os símbolos do novo imperialismo: o "poder branco" explorava a riqueza e a mão de obra locais, atingindo lucros sensacionais para os negociantes da metrópole, que tinham nas colônias os peões da lógica imperial: os colonos brancos. Surgiram também rivalidades entre as economias nacionais, transpostas para as terras ocupadas.

A "era liberal" ou "era do capital" (1848-1875, segundo Hobsbawm) tinha sido a do monopólio industrial inglês, dentro do qual os lucros eram garantidos na competição entre pequenas e médias empresas. A crise iniciada na década de 1870 eliminou as empresas mais fracas. As mais fortes dominaram o mercado e "racionalizaram" a produção: a era "pós-liberal" caracterizou-se por uma competição internacional entre economias industriais nacionais rivais - a inglesa, a alemã, a norte-americana, a francesa, principalmente; uma competição acirrada pelas dificuldades que as firmas dentro de cada país enfrentavam para fazer lucros. A competição levou à concentração econômica e ao controle do mercado por poucas empresas, e à sua expansão internacional. A totalidade atingida pelo mercado mundial concretizou as leis de movimento do capital na sua máxima escala e em sua forma mais desenvolvida. O mercado mundial de capitais foi uma realidade desde finais do século XIX. A inovação consistia na modalidade de seu funcionamento: a maior incidência dos investimentos

diretos externos, por parte de um capital mais móvel, com uma estruturação caracterizada pela centralização articulada em uma concatenação de unidades descentralizadas. *O modo de existência do capital se tornou finalmente adequado ao seu conceito*.

Condição e produto desse processo foi a concentração do capital industrial (em cartéis ou *konzern*), com papel dominante da banca de negócios, as *big five banks* da Inglaterra (Barclays, Lloyds, Midland, National, Provincial), o *Deutsche Bank* e o *Dresdner Bank* na Alemanha, a BFCI na França, a *Société Générale* na Bélgica, a *Kreditanstalt* na Áustria; e as exportações de capital: 3,7 bilhões de libras pela Inglaterra (47% no seu Império, 41% nas Américas, 6% na Europa); 23 bilhões de marcos pela Alemanha (53% na Europa); 120 bilhões de francos-ouro pela França (12% na Rússia; 3,3% na Turquia; 4,7% na Europa central; 8% nas colônias). Como consequência da exportação de capital, os países "independentes" da periferia tornaram-se semicolônias do "centro", com limitações nas determinações de suas taxas de alfândega e propriedade estrangeira da indústria, das obras públicas e das comunicações. O crescimento econômico era agora também luta econômica entre empresas monopólicas e nações. O otimismo acerca de um futuro de progresso de duração indefinida dava lugar à incerteza. Tudo isso fortalecia e era fortalecido pelas crescentes rivalidades políticas, as duas formas de competição fundindo-se na luta por territórios e na caça de "esferas de influência" que foi chamada de *imperialismo*.

O uso desse termo tornou-se corrente no ultimo quartel do século XIX, para descrever tanto o processo quanto a conclusão da partilha do mundo colonial pelas potências. Baseava-se numa analogia formal com os impérios precedentes da história da Europa. O imperialismo capitalista, porém, possuía outra significação histórica: "O que caracterizava o velho capitalismo, no qual dominava plenamente a livre concorrência, era a exportação de mercadorias. O que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de capital".[6] O processo abriu as primeiras contradições financeiras e bancárias internacionais, marcando também o declínio do domínio inglês sobre a economia mundial. Economicamente, entre 1870 e 1914 vigorou no mundo capitalista o padrão-ouro, que

6 V. I. Lênin. *Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo*. Campinas, Navegando Publicações, 2011.

indexava o preço da moeda ao metal, podendo-se converter a moeda em ouro ou vice-versa: "Em termos teóricos, o padrão-ouro criava um mecanismo automático de eliminação dos eventuais desequilíbrios no comércio internacional e, não menos importante, promovia os investimentos externos, uma vez que a estabilidade das taxas de câmbio dava aos investidores a segurança de que os valores dos seus investimentos externos seriam preservados".[7] Isto foi decisivo em uma era dominada pela exportação de capitais. A nova estrutura da organização econômica foi denominada de "capitalismo monopolista" devido à presença dominante de grandes empresas que dominavam ramos e setores inteiros da produção industrial e de serviços. A depressão econômica abriu espaço para a crescente monopolização das economias nacionais, e permitiu a intensificação da sua expansão mundial, acirrando a tensão entre as grandes potências capitalistas.

A expansão mundial do capital tinha um efeito destrutivo sobre a troca comercial entre os países capitalistas e as regiões periféricas como fator de estabilidade das metrópoles. No ambiente deflacionário provocado pela depressão, a concorrência capitalista tendeu a se acirrar. Além de uma tendência para o protecionismo econômico (com a exceção, importante, da Grã-Bretanha) desenvolveu-se um surto de conquista colonial, em direção da Ásia e da África, e de colonização financeira, em direção da América Latina. A rivalidade levou às potências a dividir o globo entre reservas formais ou informais para seus próprios negócios, mercados e exportações de capital, devido à não disponibilidade de matérias primas estratégicas ou excesso de capitais na maioria dos países desenvolvidos. As novas indústrias demandavam petróleo, borracha, metais não ferrosos. A nova "economia de consumo", por sua vez, demandava quantidades crescentes não apenas de matérias primas produzidas nos países desenvolvidos, mas também daquelas que não podia produzir. O período compreendido entre o **último** quartel do século XIX e 1914, conhecido como a *belle époque*, assinalou outras mudanças: no plano tecnológico, houve a chamada "segunda Revolução Industrial", baseada no motor a explosão, na telefonia, no rádio e na química. Na esfera econômica, houve o aparecimento das grandes empresas múltiplas, em substituição daquelas que operavam num só ramo da economia.

7 Barry Eichengreen. *A Globalização do Capital*. Uma história do sistema monetário internacional. São Paulo, Editora 34, 2000.

No cenário internacional, houve a emergência da Alemanha como uma grande potência (anteriormente, a Inglaterra reinava praticamente sozinha no mercado mundial) e, em seguida, os Estados Unidos surgiram como a maior potência industrial. Também o Japão começava a despontar com um poderio econômico e militar ponderável. Por fim, foi o período de uma mudança drástica na forma de organização do trabalho, com a introdução dos "métodos científicos de gerência". Junto ao surgimento da empresa múltipla de negócios, houve enorme crescimento da população, aumento contínuo da renda per capita média (nos EUA e na Europa) e integração dos mercados nacionais e internacionais. Entrou-se de modo acelerado em uma nova era tecnológica, determinada por novos ramos industriais. Surgiram novas fontes de energia (eletricidade e petróleo, turbinas, motor a explosão), um novo maquinário baseado em novos materiais, indústrias baseadas em novas ciências, como a química orgânica. Também se entrou na era do mercado de consumo doméstico, iniciada nos EUA, e desenvolvida pela crescente renda acumulada das massas trabalhadoras, potenciada pelo substancial aumento demográfico.

De 1870 a 1910, a população de Europa cresceu de 290 para 435 milhões, a dos EUA de 38,5 para 92 milhões. Surgiu o período da produção de massa, incluindo alguns bens de consumo duráveis. A empresa clássica, de propriedade individual ou familiar, cedeu lugar à empresa multidivisional, que internalizou uma série de atividades antes regidas pelo mercado, substituindo a "mão invisível" deste pela mão visível do *staff* que comandava as grandes empresas múltiplas: "Essa mudança é devida ao desenvolvimento, ampliação e extensão das tendências mais profundas e essenciais do capitalismo e da produção mercantil em geral. As trocas comerciais crescem, a produção aumenta. Estas tendências marcantes foram observadas ao longo dos séculos no mundo todo. Ora, em certo nível do desenvolvimento das trocas, em certo grau de desenvolvimento da grande produção, atingido mais ou menos na virada para o século XX, o movimento comercial determinou uma internacionalização das relações econômicas e do capital; a grande produção adquiriu proporções tais que os monopólios substituíram a livre concorrência".[8]

8 V. I. Lênin. *Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo*, cit.

A concorrência empresarial era feroz e levava à centralização e concentração de capitais. A competição clássica foi substituída pela concorrência oligopolista, baseada na constante diferenciação de produtos. Os oligopólios conquistaram amplas fatias do mercado e a gestão passou a ser planejada estrategicamente: "Na velha estrada do capital, o cartaz da livre-concorrência, que queria evidenciar as forças autorreguladoras do sistema, indicava uma via morta, enquanto outro cartaz indicava que os tempos corriam em direção ao 'monopólio' e para um novo sistema de privilégios. O termo 'neocapitalismo' assinalou, num primeiro momento, um complexo de fenômenos que os conservadores chamavam e ainda chamam 'pontos obscuros do industrialismo ou capitalismo': o surgimento das crises de sobre produção, sobretudo a fundamental, desse período, que se estende depois de 1870, e a de 1907, ou melhor, a evidência da existência de um ciclo econômico; a concentração da produção industrial e o surgimento de coalizões monopólicas domésticas e internacionais; a nova onda de protecionismo; o acirramento do colonialismo; a ampliação do mercado financeiro internacional e da exportação de capitais; a perigosa expansão do crédito mobiliário e a posição dominante assumida pelos bancos mistos em diversos setores industriais, berço de graves crises financeiras para alguns países; a ampliação e endurecimento das associações operárias, o reforço dos partidos socialistas".[9]

Países antes "afastados" foram obrigados a vincular suas economias a interesses externos. Na América, os EUA passaram aos poucos a dominar economicamente todo o continente. Se fosse preciso e possível, estabeleciam protetorados de fato, como na América Central (Haiti, Nicarágua). A Europa retalhou o continente africano. Controlou direta ou indiretamente vastas porções da Ásia. O Japão conquistou territórios à Rússia e à China. Entre 1848 e 1875, as exportações de mercadorias europeias tinham mais que quadruplicado, ao passo que entre 1875 e 1914, elas "só" duplicaram:10 a "partilha colonial" do século XIX vinculou-se à exportação de capitais. O novo imperialismo não mais buscava enriquecer principalmente o Estado pela acumulação de metais preciosos; beneficiava diretamente a alta

9 Giulio Pietranera. *Il Capitalismo Monopolistico Finanziario.* Napoles, La Città del Sole, 1998.

10 Diversamente da crise iniciada em 1929, a "grande depressão" de 1873-1895 foi mais uma desaceleração dos ritmos de crescimento do que uma queda absoluta da produção e do comércio mundiais.